

A linguagem da diferença no “entre-lugar” da convivência na fronteira Chuí-Chuy

Luiza Machado da Silva¹
PPGL | UCPel

Hilário I. Bohn²
PPGL | UCPel

Resumo: As fronteiras que delimitam países, marcam sua soberania diante dos seus limites. Esse é o carácter oficial das fronteiras. No entanto, quando falamos da fronteira como um espaço geográfico que agrega, ao menos, duas diferentes nacionalidades, duas leis soberanas e duas línguas, percebemos que as fronteiras oficiais interessam apenas à vida burocrática dos seus habitantes. A eles recaem outras tantas fronteiras invisíveis e bem mais complexas por não serem determinadas por regras e leis, que causam fascínio e curiosidade a nós, pesquisadores da linguagem e da sociedade, de forma a pesquisá-las. Este artigo resulta de um recorte de uma pesquisa que tem por objetivo averiguar como os habitantes da fronteira Chuí-Chuy lidam com os hibridismos linguístico-culturais e como esta diversidade é materializada nos discursos e nas práticas sociais dos afazeres diários dos habitantes da fronteira.

Palavras-chave: fronteira; cultura; hibridismo; linguagem; diferença.

¹ Doutora pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Católica de Pelotas. Professora da Universidade Federal do Rio Grande.

² Professor do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Católica de Pelotas. [*in memoriam*]

Title: The language of difference in the living “in-between” at the Chuí-Chuy border

Abstract: The borders that limit countries set its sovereignty after its boundaries. This is the official characteristic of the borders. However, whenever we talk about the border as a geographic area that aggregates at least two different nationalities, two sovereign laws, and two languages, we notice that the official borders are of interests only for the bureaucratic life of its inhabitants. To them, so many other invisible borders are involved, which are far more complex since they are not determined by rules and laws that cause us, researchers of language and society, fascination and curiosity to research. This paper makes part of a larger study that aims at verifying how the inhabitants of the border Chuí-Chuy deal with linguistic and cultural hybridisms and how this diversity is materialized in the discourses and in the social practices of the daily chores of the border inhabitants.

Keywords: border; culture; hybridism; language; difference.

Considerações fronteiriças iniciais

Uma fronteira é pensada, a princípio, como um ponto de chegada ou partida, uma linha que divide dois lugares, mas as fronteiras são muito mais amplas do que uma simples linha divisória quando pensamos em fronteiras linguísticas, por exemplo. Onde há uma linha que divida os que falam macaxeira, aipim, mandioca? Podemos agregar a esse, outros exemplos de fronteiras em que há absoluta ausência de um fator que possa demarcá-las: as fronteiras étnicas inexistem em países tão miscigenados como o Brasil, onde negros, índios, brancos, amarelos e vermelhos apresentam geneticamente traços de outras etnias; os gêneros desafiam ainda mais a forma como as fronteiras são pensadas, especialmente a partir do momento em que a biologia passa a não reger mais as regras de gênero e resume-se a compreender o sexo do indivíduo.

Uma fronteira geográfica possui um limite que diz onde um país termina e o outro começa, mas ao pensarmos em fronteiras, ainda quando elas são estabelecidas em um espaço geográfico, que é o caso deste

estudo, temos que pensar nas outras fronteiras bem mais complexas que também fazem parte das fronteiras geográficas. Nesse sentido, a fronteira nunca será um ponto de chegada ou partida, porque como escreveu Heidegger “uma fronteira não é o ponto onde algo termina, [...] a fronteira é o ponto a partir do qual *algo começa a se fazer presente*” (1971, p.152).

Este trabalho tem por objetivo identificar como os habitantes da fronteira Chuí-Chuy lidam com os hibridismos linguístico-culturais e como esta diversidade é materializada nos discursos e nas práticas sociais dos afazeres diários dos habitantes dessa fronteira. Para desenvolver o estudo foram realizadas entrevistas semiestruturadas, a partir da elaboração de um roteiro previamente elaborado que atendesse aos objetivos da investigação, gravadas em áudio.

Era importante que os sujeitos da pesquisa vivessem há algum período na zona de fronteira e que tivessem familiares brasileiros e uruguaios. Encontramos indivíduos com essas características no Campus da FURG (Universidade Federal do Rio Grande), em Santa Vitória do Palmar. Tratam-se de três estudantes universitárias que cursam Bacharelado em Hotelaria, Tecnologia em Eventos e Turismo Binacional.

Entre as estudantes que participaram do estudo duas são uruguaias, nascidas em Montevideo. Uma está na região da fronteira há 7 anos – a quem demos o nome fictício de Sandra, a segunda estudante uruguaia reside há três anos e, nesse período em que está no Brasil, pediu a cidadania brasileira – sob o nome de Beatriz. A estudante brasileira, nascida em Santa Vitória do Palmar (com o nome fictício Melina), nunca morou no Uruguai, apenas passou três anos longe da fronteira, vivendo em Santa Catarina e no município de Rio Grande (Rio Grande do Sul). As três têm familiares brasileiros e uruguaios o que reforça o convívio com ambas culturas, além do espaço onde vivem.

As entrevistas foram realizadas no campus da universidade em que as estudantes cursam graduação, baseadas no roteiro elaborado anteriormente, que segue:

Roteiro para a entrevista semiestruturada

- 1) Quem é você?
- 2) Como você define este lugar em que você mora? Ou, as pessoas que moram nesse lugar, espaço?
- 3) Quais os traços que caracterizam, marcam a brasilidade, e como esta brasilidade é invadida pela cultura uruguaia e vice-versa?
- 4) Que nome vamos, então, dar para este morador que frequentemente dorme num lado da fronteira, trabalha no outro?
- 5) O que significa morar neste “entre-lugar” – ou terceiro espaço – nem Brasil, nem Uruguai? Como afeta a vida, as identidades das pessoas? Cria um mal-estar ou prazerosidades?
- 6) Diz a pesquisa e a literatura que os indivíduos sempre procuram um nicho de pertencimento. Como fica a pessoa que vive na fronteira? Como se designam as pessoas que moram nesse espaço?
- 7) Quem vive nesse espaço é semelhantemente brasileiro do que aquele que vive em Goiânia, Brasília, Belém? Se a resposta é não, quais as diferenças?
- 8) Como distinguir o brasileiro do uruguaio?
- 9) Como o meu corpo me torna brasileiro, ou uruguaio?
- 10) Se tivesses de definir com 8 a 10 palavras-chave – quais seriam as que definem o brasileiro, a brasileira, o uruguaio, a uruguaia?
- 11) A cultura, quais as diferenças? Cultura material, cultura imaterial? O que se chamava de alta cultura – as artes, a literatura, a habitação, o cuidado com a ecologia, as cores preferidas, lazer preferido, esporte favorito?
- 12) Como define o povo uruguaio? E, o povo brasileiro? O que vem a ser um povo? Brasileiro e uruguaio são povos diferentes?

A partir dos enunciados produzidos nas entrevistas, foi realizada a análise e interpretação dos dados, que optamos por dividir nos eixos: a noção de agência e resiliência; a noção do hibridismo; as traições

identitárias; as culturas; os nichos de pertencimento. É importante ressaltar que por tratar-se de um recorte da pesquisa descrita, a análise e interpretação trabalhada neste artigo será apenas de uma das entrevistadas, a estudante Beatriz.

A noção de agência e resiliência

A Beatriz, que vive há três anos no Brasil, comentou muito ao longo da sua entrevista sobre quando ela pediu a cidadania brasileira e as questões que ela enfrentou para superar as dificuldades em aceitar que poderia ser brasileira.

Os conflitos identitários e culturais (HALL, 1997 e 2012) foram os principais fatores de resistência, em um primeiro momento, para que ela refletisse sobre o pedido da cidadania brasileira. Por outro lado, Beatriz era filha de uma brasileira, o que lhe conferia legitimidade para ser brasileira, também, o que podemos observar em alguns trechos da sua entrevista, quando ela diz “Sendo a minha mãe brasileira, eu dizia que queria ser brasileira também. Aí decidi ser brasileira”. Nesse enunciado, ela demonstra que, no seu caso ser brasileira é uma questão de agenciar uma nova identidade, que pode ser adquirida por ela pelo fato de ser filha de uma brasileira. É um direito que ela poderia negar, mas decide aceitar: “Isto foi o que me convenceu de que era para mim”.

Então Beatriz fala das características de tornar-se brasileira ao resistir às burocracias, quando diz “(...) fiz três trâmites para ser brasileira também”, e assume uma nova marca identitária de uma brasileira que a diferencia da maioria dos brasileiros: “Uma brasileira que não fala português”.

Apesar de todas as diferenças (BAUMAN, 1996, 2012 e 2013) que Beatriz vê em si mesma comparada aos brasileiros que nasceram no Brasil, ela assume essa nova identidade, forjada mais pela aquisição de documentos oficiais brasileiros, de um registro de identidade oficial, do que pela própria história familiar: “(...) era tão orgulhosa de ser brasileira,

que não queria ser de outra nacionalidade”. Claro que, neste caso, a agência precisou alinhar-se com os dispositivos que permitem que os atos de fala, num processo performativo, pudessem “torná-la brasileira”.

A noção do hibridismo

Este eixo mostra o que alimenta o rizoma do hibridismo, no sentido de ser a base que o legitima ou o autoriza. No caso da Beatriz, sua legitimidade em ser híbrida – no sentido ser *doble chapa*³ – é familiar, quando ela fala: “Bem, o fato de que aqui tem muitos filhos de uruguaios também. Eu sou filha de brasileira. A minha mãe nasceu em Capão do Leão”.

Além desse, há outros fatores “Tive a oportunidade também de conhecer aos meus próprios compatriotas fronteiriços, porque eu me senti, quando busquei trabalho no Chuí, uruguaia, mas senti que eu não era uruguaia, porque eles se dão conta que eu não sou do Chuí pela forma como eu falo”. Há um hibridismo por ser filha de mãe oriental (os uruguaios costumam chamar os brasileiros de orientais) e há diferenças que são percebidas pelos próprios uruguaios em relação à sua linguagem – o espanhol de Montevidéu é diferente do espanhol que sofre interferências do português, falado nas fronteiras –, o que a torna estranha aos uruguaios que vivem na região de fronteira.

A necessidade da casa, do pertencimento, também se materializa na fala de Beatriz: “Os uruguaios do Chuí uruguaio estão mais ligados ao Chuí brasileiro e a Santa Vitória, que à capital (Montevidéu), ao próprio Uruguai”. Por haver nascido longe da fronteira, Beatriz demonstra um estranhamento ao reconhecer que os uruguaios do Chuy pertencem e se sentem mais pertencidos ao Brasil do que ao próprio país. A noção de hibridismos corrobora as estranhezas de Beatriz. Parafraseando Homi Bhabha (2005), são os processos produzidos nas articulações das diferenças culturais permitem a elaboração de estratégias de subjetivação

³ *Doble chapa* é um termo muito comum fronteiras do sul do Brasil que distingue os indivíduos que possuem dupla nacionalidade.

que dão início a novos signos de identidade e postos inovadores de colaboração e contestação, no ato de definir a própria ideia de sociedade.

Híbrido, não significa não ter casa. Segundo Beatriz, “Vivemos juntos, compartilhamos, compramos aqui e ali, mas cada um sabe onde é a sua casa”. Os estudos identitários e culturais insistem que “todos precisam de uma casa”, de um pertencimento, seja nacionalidade, etnia, de gênero (preferência sexual não é suficiente no Brasil, por exemplo, o governo até exige que tenhamos uma casa racial e uma casa de práticas sexuais).

É possível perceber o binarismo, a multiculturalidade e os movimentos entre as fronteiras, sim, mas sempre há a necessidade da casa – ainda que esteja situada num espaço “exótico”, num “entre-lugar”, num “terceiro espaço”, em termos de dispositivos, um lugar ainda não inteiramente definido.

As traições identitárias

Apesar dos hibridismos vivenciados nas fronteiras, é possível observar que em muitos aspectos as diferenças ficam evidentes. É claro que numa fronteira entre dois países, neste caso, entre Brasil e Uruguai, as questões oficiais serão marcadas pelas diferenças: os documentos de identidade, a cor dos passaportes, as leis são distintas. Na rotina diária, as diferenças, especialmente se olhadas por visitantes, são praticamente invisíveis. Aos outsiders (ELIAS; SCOTSON, 2000) a língua praticada no Chuí-Chuy é a mesma, o portunhol, assim como as formas de vestir e de agir parecem muito semelhantes. Entretanto, para os insiders, as diferenças são visíveis, como aponta Beatriz neste trecho que segue:

(...) comecei a captar as diferenças e eu pensava que não havia nenhuma diferença. As pessoas daqui, sem eu falar, diziam: uruguiaia. Eu pensava por que? Por que sou uruguiaia se eu nem abri a boca? Então me diziam que era pela forma de me vestir, de caminhar, pela forma de, de repente, se me viam falando de longe com outra pessoa, a forma gestual.

Com o passar do tempo, residindo na região, a própria Beatriz passou a notar as diferenças que inicialmente ela não percebia, ao dizer que “Incrivelmente, notei mais diferenças nos homens, no corte do cabelo, incrível” e que “Os uruguaio que vivem aqui, têm o cabelo comprido, (...) mais o corte do que o penteado”.

Beatriz ainda faz uma comparação entre o uruguaio fronteiro e “O fronteiro tem uma característica especial, que os diferencia do resto (do país)... Me parece que esta convivência faz com que haja uma diferença com o resto do país”. A resposta está na linguagem (BAKHTIN, 2002). Os embates de fronteira podem ser harmônicos e/ou conflituosos. No contato, as fronteiras abrem a possibilidade de um hibridismo cultural que abriga a diferença sem uma hierarquia suposta ou imposta.

As culturas

Para pensar as culturas, assumimos as ideias de Thompson (2009), que vê nas culturas uma dimensão descritiva, em que as culturas refletem os grupos sociais cujas crenças, valores e objetos são frutos da convivência em sociedade. Ele também vê a cultura a partir de uma dimensão simbólica: “A concepção simbólica aparece com a reflexão de que os seres humanos não só produzem e recebem expressões linguísticas significativas como conferem sentido a produções não-linguísticas” (2009, p.174).

Williams (2008), em consonância com as ideias de Thompson, vai pensar a cultura e os problemas da teoria cultural, que vive uma crise nos tempos atuais, como algo extremamente complexo quando, por exemplo, a perspectiva de que uma obra de arte é um objeto (cultural) e a perspectiva alternativa de que a cultura na obra de arte não está centrada no objeto, mas em sua concepção como uma prática cultural (a linguagem).

Ainda hoje, Beatriz se admira com a mistura (o hibridismo) das pessoas na fronteira, que vai dos costumes à utilização do dinheiro, ao dizer que as culturas uruguaia e brasileira “Como se misturam... é uma

coisa nova. Não é nem uma, nem outra, é algo novo. É muito interessante” e as confusões que emergem do convívio intercultural (MELIÁ, 2013), quando ela diz que “... não sabes de que lado estás e vais numa loja e te cobram em reais e em pesos”. Essa descrição acerca das moedas utilizadas nos dois países situados na fronteira seca Chuí-Chuy, faz com que possamos compreender melhor as questões relacionadas à cultura material, que embora seja caracterizada por tratar-se de um objeto material que possa ser tocado – no caso, o dinheiro –, esse objeto é apresenta uma existência material que é um componente da prática material humana (WOODWARD, 2007), da mesma forma como Williams descreve a obra de arte como uma prática cultural.

Beatriz ainda coloca a sua compreensão acerca da fronteira: “A verdade é que eu gosto muito de ir ao Chuí, porque esse... é um país. É um país especial. Nem uma coisa nem outra. Me sinto confortável lá”. Nesse sentido a estudante entende que os brasileiros e uruguaios que vivem no Chuí-Chuy construíram culturalmente um “novo” país, com características culturais próprias, lugar em que ela se sente bem, confortável no espaço (físico ou mental) que Bhabha descreve como o “entre-lugar”:

É na emergência dos interstícios – a sobreposição e o deslocamento de domínios da diferença – que as experiências intersubjetivas e coletivas da nação [nationess], o interesse comunitário ou o valor cultural são negociados. De que modo se formam sujeitos nos entre-lugares, nos excedentes das somas das “partes” da diferença? [...] A força dessas questões é corroborada pela “linguagem” de recentes crises sociais detonadas por histórias de diferença cultural (1998, p.20).

O prazer que envolve o conforto de estar neste espaço intersticial, vai de encontro, no caso de Beatriz, ao que Freud diz sobre a miséria humana desencadeada pela cultura: “[...] seja como for o conceito de cultura – é certo que pertence justamente a essa mesma cultura tudo aquilo com que tentamos nos proteger da ameaça oriunda das fontes de sofrimento (2014, p.81)”. Talvez, para Beatriz, a fronteira por suas complexas redes culturais, aparentemente sem qualquer lógica, seja

justamente um espaço mais confortável para lidar com as fontes de sofrimento causadas pela cultura.

Os nichos de pertencimento

O que movimenta e cria as diferenças que definem os nichos de pertencimento de Beatriz na fronteira estão ligados a questões como a comida, os comportamentos e a linguagem.

Para Beatriz, a forma como os fronteiriços, muito influenciados pelos brasileiros comem causa estranhamento: “A mescla das frutas com a comida, isto é que não me cai bem. A fruta é para comer como sobremesa. A banana é para sobremesa, não com comida”. Nessa fala, ela se vê como uma outsider na questão relacionada à comida na fronteira e não é por acaso, porque a comida tem uma dimensão política muito cara às culturas, como aponta Kathryn Woodward ao dizer que “a cozinha é o meio universal pelo qual a natureza é transformada em cultura” (2007, p.42).

A estudante também aponta diferenças nos comportamentos: “Sempre vi os brasileiros otimistas. (...) os uruguaios não são otimistas... bem pessimistas. Sempre estão olhando para o lado ruim, sempre veem o lado negativo antes do lado positivo”. Ela aponta para questões da natureza humana que de alguma forma influenciam a forma de ver o mundo de cada povo. Beatriz ainda discorre sobre as influências dos regimes políticos – as ditaduras na América Latina – como características que pertencentes a ambos os lados da fronteira. Ao mesmo tempo, ela ressalta que as diferenças nos aspectos corporais, vestimentas, música, ritmos que acabam denunciando e distinguindo brasileiros de uruguaios na fronteira.

A linguagem, de acordo com a Beatriz, é um fator que identifica os *outsiders*: “(...) quando busquei trabalho no Chuí uruguaio, senti que eu não era uruguaia, porque eles se dão conta que eu não sou do Chuí pela forma como eu falo”. Esta fala é muito interessante no sentido de entender como a linguagem é um fator determinante nas comunidades. Ao

mesmo tempo que ela pode incluir, a percepção de que o outro fala diferente já o coloca “de fora”, não pertencente àquela comunidade e àquela identidade (ELLIOTT; DU GAY, 2009). Os pares, uruguaio, de Beatriz, não a reconhecem como uma cidadã igualmente uruguaia na fronteira.

Considerações fronteiriças finais

O fronteiroço não enraíza numa raiz axial, mas num rizoma, alimenta-se de vários solos, de várias línguas, de vários poemas, de vários ritmos, compartilha inúmeras peles e várias cores nacionais. Segundo Beatriz, “o Brasil se veste no verde amarelo”, na alegria de uma ecologia viva, em ritmos heterogêneos, com suas inúmeras fronteiras (geográficas e humanas) flexibilizadas.

Mas, também sabemos que este Brasil desenhado pela Beatriz esconde um Brasil racista, homofóbico, excludente, comandado pelos fios do poder político e poder econômico capitalista em que o “mais valor” da educação, ou o seu valor simbólico, sempre é inferior aos interesses da classe dominadora.

A fronteira e os fronteiroços mostram em seus comportamentos e nas suas valorações que é possível conviver com a diferença cultural, com o multilinguismo e a interculturalidade. Talvez esteja aí uma possibilidade da convivência humana sem os tropeços, os controles, as exclusões que experimentamos na convivência com as pessoas com as quais nos acotovelamos nos nossos textos, nas lojas em que compartilhamos os produtos colocados nas gôndolas do consumo da nossa convivência nas fronteiras.

Referências

BAKHTIN, Mikhail (V. N. Voloshínov). *O marxismo e filosofia da linguagem – problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. Tradução

- Michel Lahud e Yara F. Vieira et al. 9.Ed. São Paulo, SP: Editora Hucitec Annablume, 2002.
- BAUMAN, Zigmunt. *Vigilância líquida*. Diálogos com David Lyon. Tradução Carlos A. Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.
- _____. *Ensaio sobre o conceito de cultura*. Tradução Carlos A. Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.
- _____. From pilgrim to tourist - or a short history of identity. In HALL, Stuart.; Du GAY, Paul. *Questions of cultural identity*. Londres: SAGE, p.18-37.
- BHABHA, HOMI K. O local da cultura. Trad. Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis e Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.
- ELIAS, Norbert; SCOTSON, John. L. *Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma comunidade*. Tradução Vera Ribeiro; tradução do posfácio à edição alemã, Pedro Sússekind. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.
- ELLIOTT, Anthony; Du GAY, Paul. *Identity in question*. Londres: Sage, 2009.
- FREUD, Sigmund. *O mal-estar na cultura*. Tradução Renato Zwick. Porto Alegre: L&PM Pocket, 2014.
- HALL, Stuart. 1997. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. In THOMPSON, Keith. *Media and cultural regulation*. Tradução de Ricardo Uebel et alii. Milton Keynes: Open University, 1997.
- _____. *Ensaio sobre o conceito de cultura*. Tradução de Carlos A. Medeiros. Rio de Janeiro, RJ: Zahar, 2012.
- HEIDEGGER, Martin. *Poetry, language, thought*. Tradução para o inglês Albert Hofstadter. Nova York: Harper & Row, 1971.
- MELIÁ, Bartolomeu. *Usos y abusos del concepto de interculturalidad en un mundo fragmentado*. Conferência de Abertura do Congresso sobre Interculturalidade, UNILA, Cidade de Foz de Iguaçu, novembro, 2013.
- THOMPSON, John B. *Ideologia e cultura moderna – teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa*. Tradução Instituto de Psicologia da PUC-RS. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.
- WILLIAMS, Raymond. Culture is ordinary. In: BADMINGTON, Neil.; THOMAS, Julia. (Eds.). *The Routledge critical and cultural theory reader*. Londres: Routledge, 2008. p.91-100.
- WOODWARD, Ian. *Understanding material culture*. Londres: Sage, 2007.
- WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. (org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais*. Traduções de Tomaz Tadeu da Silva. 7. Ed. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2007. p.7-72.